

SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 0216/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 11/08/2025

Rei da Jordânia parte para o Reino da Arábia Saudita



O Rei Abdullah II da Jordânia se encontrará com o POríncipe herdeiro do Reino da Arábia Saudita, Mohammed bin Salman.

O Rei Abdullah II da Jordânia partiu nesta segunda-feira para uma visita ao Reino da Arábia Saudita para se encontrar com o Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman, informou a Corte Real da Jordânia.

O Rei Abdullah foi acompanhado por Sua Alteza Real, o Príncipe herdeiro Al Hussein bin Abdullah II. **Fonte-Arab News**.

Reino da Arábia Saudita saúda medidas da Austrália e Nova Zelândia para reconhecer Estado palestino

Um comunicado do ministério disse que o Reino está comprometido com o estabelecimento de um Estado palestino independente.

O Ministério das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita saudou hoje segunda-feira os recentes anúncios da Austrália e da Nova Zelândia sinalizando passos para o reconhecimento do Estado da Palestina. O Reino elogiou a declaração da Austrália de sua intenção de reconhecer formalmente a Palestina, bem como o anúncio da Nova Zelândia de que está considerando tal reconhecimento, disse um comunicado do ministério.

O Reino da Arábia Saudita elogiou esses desenvolvimentos como parte de um crescente consenso internacional em apoio à solução de dois Estados e reafirmou seu compromisso com o estabelecimento de um Estado palestino independente ao longo das fronteiras de 1967, com Jerusalém Oriental como sua capital. "O Reino aprecia as posições dos países que contribuem para fortalecer o caminho para uma paz justa e abrangente", disse o comunicado, acrescentando que o reconhecimento da Palestina é um passo crucial para acabar com o conflito de décadas. **Fonte-Arab News.**

Ministros das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita e do Reino Unido discutem crise em Gaza




O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, e o Secretário de Estado britânico para Assuntos Estrangeiros, da Commonwealth e do Desenvolvimento, David Lammy.

O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, falou ontem ao telefone com seu homólogo do Reino Unido, David Lammy, no domingo, informou a Agência de Imprensa Saudita. As partes discutiram os

desenvolvimentos na Faixa de Gaza, a necessidade de parar os ataques e violações israelenses e como acabar com a catástrofe humanitária sofrida pelos moradores do enclave. O telefonema ocorreu no mesmo dia de uma reunião do Conselho de Segurança da ONU sobre a crise de Gaza, que havia sido solicitada pelo Reino Unido e outros países. Durante a reunião, o Reino Unido, que se juntou à Dinamarca, França, Grécia e Eslovênia, pediu a Israel que reverta sua recente decisão de expandir as operações militares em Gaza, alertando que isso aprofundaria o sofrimento palestino, pioraria a crise humanitária e colocaria em risco os reféns.

O representante do Reino Unido na reunião, James Kariuki, disse que a medida não garantiria a libertação de reféns mantidos pelo Hamas desde os ataques de 7 de outubro de 2023 e reiterou os pedidos por sua libertação incondicional.

Ele enfatizou que o Hamas deve se desarmar e não desempenhar nenhum papel na governança de Gaza, que deve envolver a Autoridade Palestina e também pediu a Israel que suspenda as restrições à ajuda, abra todas as rotas terrestres para suprimentos essenciais e permita que as agências humanitárias operem livremente.

Kariuki também destacou mais US$ 11,4 milhões fornecidos pelo Reino Unido para financiamento humanitário para Gaza. Ele pediu a ambos os lados que se envolvam em negociações de boa fé em direcção a um cessar-fogo e uma solução de dois Estados, que ele acrescentou ser o único caminho para uma paz duradoura. **Fonte-Arab News**.

PM da Malásia recebe imã da Mesquita do Profeta em Kuala Lumpur



Anwar Ibrahim expressou seu apreço pelos esforços do Reino da Arábia Saudita em "promover os valores de moderação e tolerância".

O imã da Mesquita do Profeta, Sheikh Salah Al-Budair, foi recentemente recebido pelo primeiro-ministro da Malásia, Anwar Ibrahim, no World Trade Center em Kuala Lumpur.

Ibrahim expressou seu apreço pelos esforços do Reino da Arábia Saudita em "promover os valores de moderação e tolerância", informou ontem a Agência de Imprensa Saudita. Al-Budair afirmou o compromisso do Reino em fortalecer a cooperação na defesa islâmica. A visita faz parte dos esforços do Ministério de Assuntos Islâmicos, Dawah e Guidance para servir as comunidades muçulmanas em todo o mundo. **Fonte-Arab News**.

Embaixador do Japão visita leilão internacional de falcões



O embaixador do Japão no Reino da Arábia Saudita, Yasunari Morino, visitou o Leilão Internacional de Criadores de Falcões em Malham, ao norte de Riade.

O embaixador do Japão no Reino da Arábia Saudita, Yasunari Morino, visitou no passado sábado o Leilão Internacional de Criadores de Falcões em Malham, ao norte de Riade. Organizado pelo Saudi Falcons Club, o evento vai até 25 de agosto e apresenta as principais fazendas de criação de falcões de todo o mundo.

O embaixador foi recebido por Talal Al-Shamaisi, CEO do clube, que o informou sobre o leilão e as fazendas de criação locais e internacionais participantes. Acompanhado por sua delegação, visitou os pavilhões de leilões, viu as espécies de falcões em exibição e sua alimentação, visitou os pavilhões e secções de equipamentos das fazendas participantes, explorou o pavilhão Falcoeiro do Futuro e tirou fotos de algumas das aves. O Leilão Internacional de Criadores de Falcões é o maior evento do gênero em todo o mundo. Ele reúne raças de falcões de elite de todo o mundo e serve como destino anual para falcoeiros e criadores. Walid Al-Taweel, porta-voz do Saudi Falcons Club, disse que o leilão foi um dos melhores eventos do gênero, pois apresentou "uma selecção de raças de alta qualidade em um ambiente profissionalmente organizado e competitivo, dando-lhe uma vantagem sobre outros mercados". O leilão testemunhou vendas recordes nos últimos quatro anos, que, o ano passado viu 872 aves trocando de mãos por um valor combinado de mais de SR10 milhões (US$ 2,7 milhões), um aumento de 25% na receita e um aumento de 36% no número de aves vendidas a partir de 2023. Na noite de abertura do evento deste ano, dois pássaros foram vendidos por SR180.000. **Fonte-Arab News.**

Governador de Tabuk lança projectos ambientais, hídricos e agrícolas no valor de mais de SR4.3bn



O governador de Tabuk, Príncipe Fahd bin Sultan, inaugurou 23 projectos ambientais, hídricos e agrícolas com um valor combinado de mais de SR3,8 bilhões (US$ 1 bilhão) e lançou as bases para mais 25 projectos no valor de mais de SR580 milhões.

O governador de Tabuk, Príncipe Fahd bin Sultan, inaugurou 23 projectos ambientais, hídricos e agrícolas com um valor combinado de mais de SR3,8 bilhões (US$ 1 bilhão)

e lançou as bases para mais 25 projectos no valor de mais de SR580 milhões, foi ontem anunciado . As iniciativas, lançadas na presença do ministro do Meio Ambiente, Água e Agricultura, Abdulrahman Al-Fadli, visam melhorar os serviços para os residentes, fortalecer a sustentabilidade ambiental e hídrica e apoiar os objectivos da Visão Saudita 2030.

O Príncipe Fahd agradeceu ao Rei Salman e ao Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman por seu apoio aos projectos de infraestrutura e elogiou a equipe do ministério por seus esforços em melhorar os serviços públicos e reforçar a segurança alimentar do Reino. De acordo com Al-Fadli, os projectos incluem pequenas usinas de dessalinização ao longo da costa oeste com capacidade projectada de mais de 93.000 metros cúbicos por dia e novos sistemas de transmissão de água capazes de transportar 72.000 metros cúbicos por dia para aumentar o abastecimento nas províncias de Duba, Al-Wajh e Umluj.

A National Water Company lançou 16 iniciativas no valor de mais de SR860 milhões para expandir a distribuição de água potável e os serviços de águas residuais em Tabuk, enquanto a Saudi Water Partnership Company concluiu a Estação de Tratamento de Águas Residuais Tabuk-2 de SR550 milhões com uma capacidade máxima de 135.000 metros cúbicos por dia. Trabalhos adicionais incluem projectos de construção de barragens no valor de mais de SR92 milhões, plantio de manguezais e protecção de reservas de pastagens avaliadas em mais de SR18 milhões, bem como iniciativas de irrigação, desenvolvimento rural e cobertura vegetal em toda a região. **Fonte-Arab News.**

Serviços do governo saudita em exibição na exposição de Osaka



O workshop contou com a presença de líderes empresariais japoneses e outros interessados em investir no mercado saudita.

O Centro Saudita de Negócios Econômicos demonstrou suas funções e serviços durante um workshop no pavilhão saudita na Expo 2025 em Osaka, Japão.

O objectivo do workshop foi apresentar o modelo que fornece serviços governamentais direccionados ao sector empresarial no Reino, informou ontem a Agência de Imprensa Saudita. Durante o workshop, o centro discutiu seus papéis no aumento da atratividade do ambiente de negócios no Reino e seu impacto na facilitação de procedimentos para iniciar e praticar negócios econômicos. O workshop destacou os serviços do centro disponíveis para facilitar a jornada dos investidores que desejam entrar no mercado saudita e investir em projectos de desenvolvimento e componentes econômicos no

Reino e contou com a presença de líderes empresariais japoneses e outros interessados em investir no mercado saudita. O Centro Saudita de Negócios Econômicos fornece ao sector empresarial mais de 6.000 serviços, em colaboração com 62 agências governamentais, por meio de uma única plataforma, com o objectivo de tornar o Reino um dos países líderes mundiais na prestação de serviços governamentais de alta qualidade ao sector empresarial. **Fonte-Arab News.**

Curso de língua árabe lançado no Azerbaijão

A Assembleia Mundial da Juventude Muçulmana elogiou os esforços do Reino da Arábia Saudita em apoiar a língua árabe globalmente e aumentar a sua presença como uma ponte para a reaproximação cultural entre os povos. Isso ocorreu após o lançamento do programa cultural e educacional "Mês da Língua Árabe", actualmente organizado pela Academia Global de Língua Árabe do Rei Salman, no Azerbaijão, que vai até 31 de agosto. O programa visa ensinar árabe a falantes não nativos e promovê-lo como uma língua global.

A Assembleia Mundial da Juventude Muçulmana considerou o programa um modelo único de atenção excepcional à língua árabe e um ponto de partida para fortalecer seu status como um centro civilizacional e um meio de reaproximação entre os povos do mundo. Também serve para solidificar sua presença em instituições acadêmicas, universidades e espaços culturais no exterior.

A assembleia destacou o serviço que o programa oferece a pesquisadores, acadêmicos, estudantes universitários e de institutos e todos os interessados na cultura árabe; um serviço que reforçou a posição do Reino como patrocinador da língua árabe em fóruns internacionais. **Fonte-Arab News**.

Clínicas de saúde mental no Sudão do Sul, propenso à violência, são raras e ameaçadas de extinção

A clínica especializada no estado de Equatória Ocidental, no Sudão do Sul, é uma instalação rara e ameaçada em um país desesperado por mais serviços desse tipo. Agora que o financiamento do programa de fontes italianas e gregas está prestes a terminar e seu futuro não está claro.

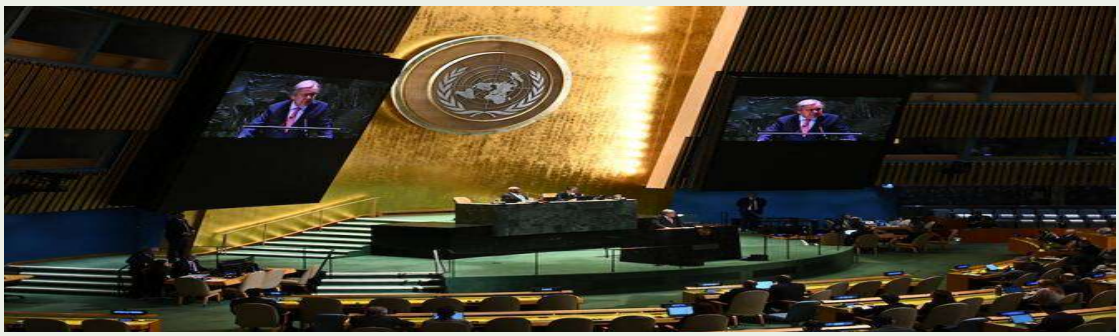
A clínica está em um dos oito locais escolhidos para um projecto que visava fornecer serviços de saúde mental pela primeira vez a mais de 20.000 pessoas em todo o país da África Oriental. Lançado no final de 2022, provou ser uma tábua de salvação para pacientes como Falatiya em um país onde os serviços de saúde mental são quase inexistentes no sistema de saúde administrado pelo governo. Implementado por um grupo de instituições de caridade lideradas pela Amref Health Africa, o programa fez parceria com centros de saúde do governo, paróquias católicas e estações de rádio locais.

Em todo o Sudão do Sul, houve deslocamento maciço de pessoas na guerra civil que começou em 2013, quando as tropas do governo leais ao presidente Salva Kiir lutaram contra as leais ao vice-presidente Riek Machar. A erupção dos combates foi um grande revés para o mais novo país do mundo, que se tornou uma importante nação produtora

de refugiados pouco mais de dois anos após a independência do Sudão. Embora um acordo de paz tenha sido alcançado em 2018, a retomada das hostilidades desde janeiro levou a ONU a alertar para uma possível "recaída em conflitos em grande escala". A violência persiste até hoje, com Machar em prisão domiciliar e as forças do governo continuando com uma campanha para enfraquecer sua capacidade de travar a guerra. E a pobreza - mais de 90% da população do país vive com menos de US $ 2,15 por dia, de acordo com o Banco Mundial - é galopante em muitas áreas, aumentando as pressões de saúde mental que muitas pessoas enfrentam, de acordo com especialistas. Em um país fortemente dependente de caridade para manter o sector de saúde funcionando, o acesso aos serviços de saúde mental está muito atrasado. O país tem a quarta maior taxa de suicídio de África e ocupa o décimo terceiro lugar globalmente, mostram dados da Organização Mundial da Saúde.

No Sudão do Sul, o suicídio afecta principalmente os deslocados internos, alimentado pelo confinamento e pressões relacionadas à pobreza, ociosidade, conflito armado e violência de gênero, de acordo com a Organização Internacional para as Migrações. **Fonte-Arab News.**

Três quartos dos membros da ONU apoiam a criação de um Estado palestino



Acima, o secretário-geral da ONU, António Guterres, discursa na Assembleia Geral da ONU na cidade de Nova York em 15 de janeiro de 2025. Pelo menos 145 dos 193 membros da ONU agora reconhecem ou planejam reconhecer um Estado palestino, incluindo França, Canadá e Grã-Bretanha.

Três quartos dos membros da ONU já planejam reconhecer o Estado palestino, com a Austrália se tornando hoje segunda-feira o mais recente a prometer que o fará na Assembleia Geral da ONU em setembro. A guerra Israel-Hamas, travada em Gaza desde o ataque do grupo militante palestino em 7 de outubro de 2023, reviveu um esforço global para que os palestinos tenham um Estado próprio. A acção rompe com uma visão de longa data de que os palestinos só poderiam obter a condição de Estado como parte de uma paz negociada com Israel.

De acordo com uma contagem da AFP, pelo menos 145 dos 193 membros da ONU agora reconhecem ou planejam reconhecer um Estado palestino, incluindo França, Canadá e Grã-Bretanha. Aqui está uma rápida recapitulação da busca dos palestinos pela soberania: Em 15 de novembro de 1988, durante a primeira intifada palestina, o líder palestino Yasser Arafat proclamou unilateralmente um estado palestino independente com Jerusalém como capital.

Ele fez o anúncio em Argel em uma reunião do Conselho Nacional Palestino exilado, que adoptou a solução de dois Estados como meta, com Estados israelenses e palestinos independentes existindo lado a lado. Minutos depois, a Argélia se tornou o primeiro país a reconhecer oficialmente um Estado palestino independente. Em uma semana, dezenas de outros países, incluindo grande parte do mundo árabe, Índia, Turquia, a maior parte de África e vários países da Europa Central e Oriental, seguiram o exemplo.

A próxima onda de reconhecimentos veio no final de 2010 e início de 2011, em um momento de crise para o processo de paz no Médio Oriente.

Países sul-americanos, incluindo Argentina, Brasil e Chile, responderam aos apelos dos palestinos para endossar suas reivindicações de soberania. Isso veio em resposta à decisão de Israel de encerrar uma proibição temporária de construção de assentamentos judaicos na Cisjordânia ocupada. Em 2011, com as negociações de paz paralisadas, os palestinos avançaram com uma campanha para a adesão plena à ONU.

A busca falhou, mas em um movimento inovador em 31 de outubro daquele ano, a agência cultural da ONU, a UNESCO, votou para aceitar os palestinos como membros plenos, para grande consternação de Israel e dos Estados Unidos.

Em novembro de 2012, a bandeira palestina foi hasteada pela primeira vez nas Nações Unidas em Nova York, depois que a Assembleia Geral votou esmagadoramente para elevar o status dos palestinos para "estado observador não-membro".

Três anos depois, o Tribunal Penal Internacional também aceitou os palestinos como um Estado parte. A ofensiva de Israel em Gaza após o ataque de 7 de outubro de 2023 aumentou o apoio ao Estado palestino.

Quatro países caribenhos (Jamaica, Trinidad e Tobago, Barbados e Bahamas) e a Armênia deram o passo diplomático em 2024. O mesmo aconteceu com quatro países europeus: Noruega, Espanha, Irlanda e Eslovênia, os três últimos membros da UE.

Dentro da União Europeia, esta foi a primeira em 10 anos desde a mudança da Suécia em 2014, que resultou em anos de relações tensas com Israel. Outros Estados-membros, como Polônia, Bulgária e Romênia, já o haviam feito em 1988, muito antes de ingressarem na UE.

Por outro lado, alguns países do antigo bloco oriental, como a Hungria e a República Tcheca, não reconhecem ou deixaram de reconhecer um estado da Palestina.

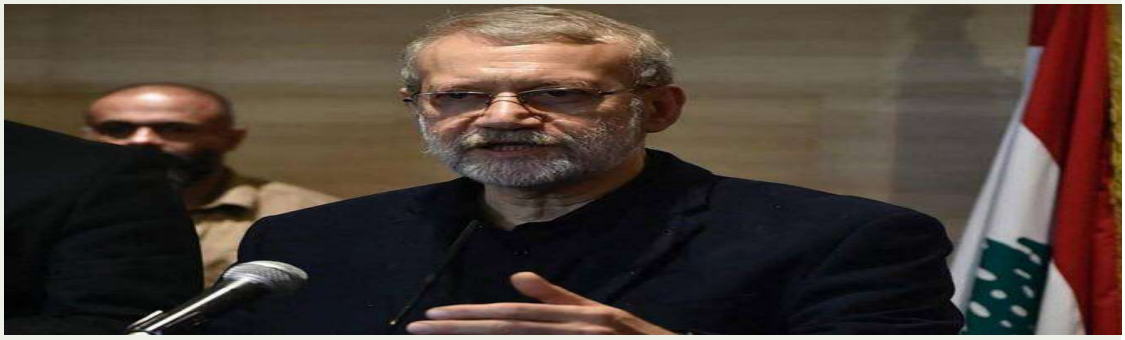
O primeiro-ministro australiano, Anthony Albanese, disse hoje segunda-feira que "a Austrália reconhecerá o direito do povo palestino a um Estado próprio" na Assembleia Geral da ONU.

A França disse no mês passado que pretende reconhecer um Estado palestino em setembro, enquanto a Grã-Bretanha disse que faria o mesmo, a menos que Israel tomasse "medidas substantivas", incluindo concordar com um cessar-fogo em Gaza.

O Canadá também planeja reconhecer um Estado palestino em setembro, disse o primeiro-ministro Mark Carney, marcando uma mudança dramática de política que foi

imediatamente rejeitada por Israel. Entre outros países que também poderiam expressar formalmente o reconhecimento, Malta, Finlândia e Portugal levantaram a possibilidade. **Fonte-Reuters**.

Chefe do principal órgão de segurança do Irão segue viagem para o Iraque e o Líbano



Ali Larijani está visitando hoje o Iraque na segunda-feira antes de seguir para o Líbano.

O chefe do principal órgão de segurança do Irão, Ali Larijani, visita hoje segunda-feira o Iraque antes de seguir para o Líbano, onde o governo aprovou um plano para desarmar o Hezbollah, aliado de Teerão, informou a imprensa estatal.

"Ali Larijani parte hoje (segunda-feira) para o Iraque e depois para o Líbano em uma visita de três dias, sua primeira viagem ao exterior desde que assumiu o cargo na semana passada", informou a televisão estatal. Larijani assinará um acordo bilateral de segurança no Iraque antes de seguir para o Líbano, onde se encontrará com altos funcionários e figuras libanesas.

Sua viagem ao Líbano ocorre depois que Teerão expressou forte oposição a um plano do governo libanês para desarmar o Hezbollah, aliado de Teerão, uma postura condenada por Beirute como uma "interferência flagrante e inaceitável".

"Nossa cooperação com o governo libanês é longa e profunda. Consultamos sobre várias questões regionais. Neste contexto específico, estamos conversando com autoridades libanesas e figuras influentes no Líbano", disse Larijani à TV estatal antes de partir.

"No Líbano, nossas posições já são claras. A unidade nacional libanesa é importante e deve ser preservada em todas as circunstâncias. A independência do Líbano ainda é importante para nós e contribuiremos para isso."

No passado sábado, Ali Akbar Velayati, Conselheiro sênior do líder supremo do Irão, descreveu o plano de desarmar o Hezbollah como conformidade "com a vontade dos Estados Unidos e de Israel". O esforço de desarmamento seguiu a guerra do ano passado entre Israel e o Hezbollah, que deixou o grupo, antes uma poderosa força política e militar, enfraquecido. Também ocorre em meio à pressão dos Estados Unidos e dos partidos anti-Hezbollah no Líbano, bem como temores de que Israel possa intensificar seus ataques se o grupo permanecer armado.

O Irão nomeou Larijani, de 68 anos, para chefiar o Conselho Supremo de Segurança Nacional, responsável por definir a estratégia de defesa e segurança do Irão. Suas

decisões devem ser aprovadas pelo líder supremo do país, o Aiatolá Ali Khamenei. A nomeação ocorre após uma guerra de 12 dias com Israel, que iniciou o conflito com um ataque sem precedentes ao Irão em meados de junho, atingindo instalações militares, nucleares e residenciais. **Fonte-Reuters**.

Embaixador do Irão em Portugal defende que país deve ser líder do Médio Oriente



Embaixador do Irão em Portugal.

O embaixador iraniano em Portugal defendeu, no passado sábado, que o Irão deve ser líder na região do Médio Oriente, afirmando que Teerão recusa usar a força, ao contrário de países, como Israel, que disse ter sido criado pela força, em 1947.

Numa entrevista à agência Lusa, Majid Tafreshi defendeu também que o Irão "mantém boas relações" com a vizinha Síria, mesmo depois da queda do regime de Bashar al-Assad, em dezembro de 2024, e que Damasco deveria realizar um referendo para determinar os novos poderes.

"As negociações continuam, mas estamos a olhar para quem vai liderar e o que esse Estado soberano deve ser. Penso que deveria haver um referendo. Mas, de qualquer forma, o Irão e o povo sírio não têm nenhum problema entre eles. Estamos a falar sobre uma nação, com quem temos uma boa relação. Muitos deles estão refugiados no Irão", argumentou o diplomata iraniano.

Para Tafreshi, os que pretendem liderar o Médio Oriente, "os que têm a civilização, que usam o poder da lógica", devem assumir essa responsabilidade, contrastando com os "outros", esses que "usam a força, bombardeiam e matam pessoas inocentes".

"Isso não é um privilégio e não é um dom. Nós não precisamos de ser uma superpotência. Mas não há dúvida de que, se houver dois poderes regionais no Médio Oriente, definitivamente em qualquer fórmula, um deles deve ser o Irão", sustentou.

"Mas, na prática, sim, o Irão tem milhares de anos de história, situa-se na região do Pérsia e do Golfo, tem 1,7 milhões de quilómetros quadrados, 90 milhões de pessoas, o país mais rico baseado na população. Tem 1% da população do mundo inteiro e cerca de 7,5% das reservas de todo o petróleo. Não se pode ignorar esse poder, que creio que deve seguir na direcção de produção de riqueza, turismo, investimentos e não competir para armamento, desarmamento, armas e mais armas", acrescentou.

Sobre uma eventual guerra com Israel, Tafreshi frisou que o Irão está pronto para se defender, "o que tem feito ao longo de 300 anos", sublinhando que os 12 dias de conflito (de 13 a 24 de junho) "não foram inesperados, nem necessários".

"O Irão deve ser mais e mais poderoso na protecção do próprio país. A fórmula para a autodefesa do Irão vai ser desenvolvida. Israel foi criado, mas não existe, pela força, em 1947, quando [o actual Presidente do Estados Unidos, Donald] Trump tinha 18 meses de idade, na época, através de uma resolução", argumentou o diplomata iraniano.

"Não vou encorajar ou ser contra nenhuma entidade, mas quando se fala sobre o Hezbollah, é necessário lembrar que estão a defender o seu país e a lei internacional, pelo que não podem considerá-los terroristas", sublinhou Tafreshi, lembrando que o movimento xiita libanês pró-iraniano tem deputados no Parlamento.

Questionado pela Lusa sobre como vê a exigência de Israel ao Líbano para desarmar o Hezbollah, movimento xiita pró-iraniano, o diplomata ironizou: "Quem é Israel? Está a falar de um criador de Gaza ou o quê?".

"Temos de analisar primeiro quem está a discutir o quê. Penso que se Israel defende a paz e segurança no mundo deve começar por si próprio. E minimizar ou não a questão, esquecer o uso de força. Desarmar a resistência é fora da hegemonia. Se a hegemonia parar, não há mais resistência", respondeu.

"Qual é a filosofia do Movimento dos Não-Alinhados por muitos anos, 56 anos? Quando se vê na Argélia, na Indonésia, em qualquer lugar, quando a hegemonia foi feita por [países europeus colonizadores], percebe-se que a resistência foi automática e acabou tudo. Então, temos de nos focar na leitura do Comité Internacional de Uso de Força contra outras nações opressoras e não falar sobre desarmar nações opressoras que estão a lutar pela sua própria segurança e paz no seu próprio país", acrescentou.

Sobre a ofensiva israelita em Gaza, em curso há 22 meses e que é vários países e organizações classificam de genocídio, Tafreshi lamentou a falta de acção da comunidade internacional.

"Do sul ao norte, todos falam sobre essas acções bárbaras. E isso não é útil. Os europeus, com toda a sua força, devem condenar esse padrão duplo para usar a força contra a nação opressora e escolher o que é genocídio e o que não é, e qual é o crime de guerra. Acho que isso não é útil para a paz e a segurança na guerra, incluindo a paz e a segurança dentro da Europa", concluiu. **Fonte-Correio da Manhã.**

EUA garantem chave para desarmar o Hezbollah



DRA. DANIA KOLEILAT KHATIB

10 de agosto de 2025



Apoiadores do grupo militante libanês protestam em Beirute contra o endosso do governo a um plano de desarmamento.

O governo libanês tomou uma decisão histórica na passada quinta-feira, comprometendo-se com o desarmamento do Hezbollah até o final do ano. Aprovou os "objectivos" do documento do enviado dos EUA, Tom Barrack, sobre o "fortalecimento" do acordo de cessar-fogo entre o Líbano e Israel. O governo afirmou que o exército apresentará um plano de acção até o final de agosto. O Hezbollah ficou chocado com a decisão. Mohammed Raad, membro do parlamento do Hezbollah, disse que o grupo prefere morrer a entregar suas armas. Ele acrescentou que as armas do grupo são sua honra. O Hezbollah enviou manifestantes às ruas na tentativa de pressionar o governo. No entanto, eles foram rapidamente dispersos pelo exército.

O Líbano é obrigado a respeitar o direito internacional e a Resolução 1701 do Conselho de Segurança da ONU. Os EUA estão pressionando o Líbano a fazê-lo. E deve respeitar o direito internacional, não há dúvida sobre isso. No entanto, quando se trata do lado israelense da equação, o artigo de Barrack apenas promete que os EUA "facilitarão" a mediação com Israel sobre sua retirada dos "cinco pontos" dentro do Líbano e a cessação das hostilidades. Barrack foi muito claro quando os libaneses lhe perguntaram se Israel se retiraria e interromperia seus ataques ao Líbano se o Hezbollah se desarmasse: ele disse que não há garantias. Basicamente, o Líbano deve respeitar o direito internacional, enquanto Israel pode seguir a lei da selva.

Israel enfatiza constantemente seu direito à "autodefesa", que é um conceito muito elástico. Qualquer agressão pode ser justificada como legítima defesa ou ataque preventivo. O exército libanês tem uma tarefa muito difícil. Os americanos estão tornando isso ainda mais difícil. É um segredo aberto que os EUA são tendenciosos em relação a Israel por muitas razões. No entanto, se os EUA realmente querem que o Estado libanês e o exército libanês tenham sucesso em desarmar o Hezbollah, eles devem fortalecê-los. Deve, pelo menos, mostrar que está sendo um corretor honesto. Deve mostrar que pode pressionar Israel. Deve mostrar que ambas as partes devem respeitar o direito internacional. Israel tem vivido de acordo com a lei da selva desde o seu início. Tem sido capaz de fazê-lo por causa da cumplicidade dos EUA e do Ocidente. De acordo com o grupo de defesa If Americans Knew, Israel é alvo de pelo menos 78 resoluções da ONU. Mas Israel viola o direito internacional todos os dias sob o pretexto de autodefesa e qualquer um que aponte o dedo para seus crimes é imediatamente rotulado como antissemita. A questão é: até quando? O caso libanês é

apenas um pequeno exemplo de como Israel recebe tratamento preferencial em assuntos internacionais. Esse tratamento preferencial é garantido pela maior superpotência mundial, os EUA. No entanto, reduz a credibilidade dos EUA como um mediador honesto. Talvez os americanos não se importem porque o mundo precisa deles e eles podem impor sua vontade a quem quiserem. No entanto, essa atitude cria problemas. E se o exército libanês usar coerção e desarmar o Hezbollah, o que provavelmente resultará em agitação interna, e Israel não se retirar? Isso reforçaria a narrativa do grupo e lhe daria um novo impulso. Isso reviveria a ideia de resistência. Se essa ideia for revivida, o movimento será revivido. No entanto, Israel tem o luxo de olhar apenas para o seu próprio lado da história, porque tem os EUA para apoiá-lo sempre que necessário. Os EUA poderiam tornar a tarefa do Estado e do exército libaneses muito mais fácil, dando garantias de que Israel se retiraria e cessaria as hostilidades. As hostilidades têm como alvo principalmente agentes e funcionários do Hezbollah. Enquanto os EUA não derem tais garantias, o Hezbollah não se sentirá seguro o suficiente para se desarmar voluntariamente.

O Hezbollah está convencendo seu público de que esta é uma questão existencial. É por isso que Raad disse que eles preferiam morrer a entregar suas armas. O Estado pode ter tomado a decisão de desarmar o Hezbollah, mas isso não significa que a implementação será fácil ou perfeita. Os protestos que se seguiram à decisão podem ser renovados e podem se tornar violentos. Mas tudo isso poderia ser evitado se os EUA mostrassem que ambas as partes devem respeitar o direito internacional, garantindo que Israel se retirará e cessará as hostilidades.

Se não for tratado com cuidado, isso pode levar a um confronto entre o Hezbollah e o exército. Claro, o Hezbollah está fraco agora, mas ainda - junto com o Movimento Amal - representa a maioria da população xiita do país. Portanto, o grupo não pode ser descartado. É claro que um estado não pode prosperar com a existência de uma milícia armada. Isso é um facto. O objectivo é que o Hezbollah entregue suas armas e se torne um partido político. No entanto, para que isso aconteça, os EUA não podem aplicar o duplo padrão de o Líbano ter que cumprir o direito internacional enquanto Israel o ignora. Isso só aumentará a narrativa do Hezbollah e aumentará a sensação de insegurança entre a comunidade xiita. Isso poderia levar a confrontos entre o grupo e o exército, bem como os xiitas e o resto dos libaneses. Portanto, em nome da paz e da estabilidade, os EUA devem agir com sabedoria e oferecer aos libaneses a garantia de que, se o Hezbollah se desarmar, Israel se retirará e deixará de atacar o Líbano.

A Dra. Dania Koleilat Khatib é especialista em relações EUA-árabes com foco em lobby. Ela é cofundadora do Centro de Pesquisa para Cooperação e Construção da Paz, uma organização não governamental libanesa focada na Trilha II.

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pela escritora nesta sessão é própria e não reflecte necessáriamente o ponto de vista do **Arab News.**

